

Linguagem, Filosofia e Educação em estudos no Cemoroc (“selfie”)

Jean Lauand¹

Resumo: No número anterior de ISLE, por ocasião da celebração do 20º. aniversário e do No. 250 das revistas universitárias do Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente (Edf-Feusp), alojadas em www.hottopos.com, a Editora pediu a autores um artigo de retrospectiva de suas contribuições em nossas revistas, especialmente nos últimos anos. Neste artigo, o autor apresenta sua “selfie”.

Palavras Chave: Revistas Cemoroc. Linguagem. Educação. Filosofia. Jean Lauand.

Abstract: To celebrate the twentieth anniversary of Cemoroc’s journals, the publisher has asked authors to write an article summarizing his (/her) studies published in these journals, especially in the latest years. In this article, the author presents his Cemoroc “selfie”.

Keywords: Cemoroc Journals. Language. Philosophy. Education. Jean Lauand.

Introdução

O número anterior de *International Studies on Law and Education*, número duplo: 25/26 – <http://www.hottopos.com/isle25/> –, foi uma edição especial comemorativa: inteiramente dedicada à celebração dos 20 anos e 250 volumes das revistas do Cemoroc. Para tanto, pedimos a nossos autores e editores que revisitassem, em artigos “selfies”, suas contribuições nesses anos, oferecendo ao leitor um guia para a rica e variada temática e abordagens que compõem nosso imenso e rico acervo. Encarregado de coordenar a edição comemorativa, com seus mais de vinte artigos, minha própria “selfie” de autor ficou para este número de ISLE.

Não farei enumeração exaustiva, mas simplesmente um guia para algumas das principais ideias desenvolvidas em dez de meus artigos no Cemoroc, sobretudo nos últimos anos.

Etimologias e fraseologias

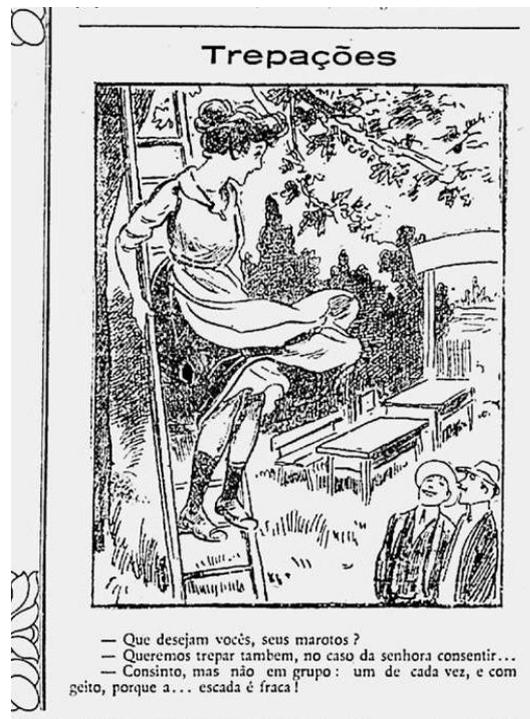
Muitos de meus artigos foram dedicados à análise da linguagem comum, usos, etimologias e fraseologias, terreno fértil para – sobretudo em tempos de irresponsabilidade autoral na Internet – cretinices e falsas interpretações.

Em RIH, *Revista Internacional d’Humanitats* 36, www.hottopos.com/rih36/05-14Jean.pdf, discuto três importantes expressões: **torcer (torcedor, torcida)**, **bater papo** e **“será o Benedito?”**.

Torcer é uma daquelas expressões que carrega uma falsa etimologia unânime: diz a lenda, que no começo do século XX, Coelho Neto, fanático do Flu, teria observado que as mulheres que compareciam aos jogos “torciam” as luvas, nervosas pelo andamento do jogo etc. Etc. Na verdade, o termo é muito anterior ao próprio surgimento do futebol no Brasil (indico um registro de 1888) e transcrevo uma crônica de 1894, totalmente dedicada à expressão:

¹. Fundador e diretor do Cemoroc – Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente do Departamento de Filosofia e Ciências da Educação da Feusp. Professor Titular Sênior da Faculdade de Educação da USP. Professor Titular dos Programas de Pós Graduação em Educação e Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Editor do Cemoroc. jeanlaua@usp.br

Se anda o marido enfeitado
Como um veadinho qualquer
Se a sorte tem o coitado
De andar no mundo esgalhado
O que é que fez a mulher? (O Rio Nú, 14-7-1900)



Essa trilogia se completa com: “Reavaliando a fraseologia III – viajando em conjecturas”, em *Convenit Internacional* 22: <http://www.hottopos.com/convenit22/05-12Jean.pdf>., com conjecturas sobre: “ficar cheio de dedos”, “ficar passado” etc.

No artigo “Transformações da linguagem: a gíria “curtir” e as conjunções adversativas – dois estudos”, publicado em ISLE, *International Studies on Law and Education* No. 24, <http://www.hottopos.com/isle24/109-116Jean.pdf>, analisamos a evolução da gíria “curtir” – desde seu aparecimento no século XIX até hoje – e o quadro da antropologia filosófica em que se situa. Atente-se para o fato de que, originalmente, curtir era somente negativa (curtir amarguras, curtir dores etc.); na década de 1970 coexistem o negativo e o positivo; e hoje este prevalece (curtir no sentido de gostar, como no Facebook). Também discutimos as enigmáticas etimologias das adversativas: mas, porém, contudo, todavia etc.

Já em “O ‘estilo Vaticano’ – dois casos”, www.hottopos.com/isle15/129-134Jean.pdf, em ISLE 15, consideramos (entre outros) o pouco conhecido caso da mudança de redação da versão beta do Catecismo da Igreja Católica (1992) para a edição definitiva (1997) e como a Cúria Romana “sutilmente” endureceu a doutrina da Igreja, que esteve mais branda de 1992 a 1997. Um exemplo:

Como no caso do ponto 2352, no qual C-92 indicava a necessidade de se levar em conta na avaliação moral da masturbação diversos fatores psíquicos ou sociais “*que reducen, e incluso anulan la culpabilidad*

moral”; formulação que, em C-97, foi substituída por: “*que pueden atenuar o tal vez reducir al mínimo la culpabilidad moral*”.

Na substituição de “reduzem” por “podem atenuar”, a introdução do “podem” é de efeito psicológico, pois, uma vez que são subjetivos os fatores atenuantes (“imaturidade afetiva, força dos hábitos contraídos, o estado de angústia ou outros fatores psíquicos ou sociais”), sua função parece ser só a de manter a sensação de culpa (o fiel não pode excluir a culpa, auto-avaliando fatores subjetivos). Como também a substituição de “anulam a culpabilidade moral” por “talvez reduzir ao mínimo a culpabilidade moral”. Afinal, a própria existência do sacramento da confissão, em diálogo vivo entre penitente e confessor, pressupõe que a culpabilidade moral não é medida discretamente por pontos na carteira como nas infrações de trânsito, que vão desde as gravíssimas (7 pontos), passando pelas grave e média, até a leve, punida com os *mínimos* 3 pontos. A culpa moral, bem como seus atenuantes ou *excludentes*, pertencem ao delicado âmbito da consciência e não podem ser observadas com a operacionalidade de um radar que fotografa uma invasão de faixa de pedestres ou a de um bafômetro que indica a presença de álcool no sangue em índices superiores a 0,05 mg/litro.

Como fica o problema pastoral da absolvição? De 1992 a 1997, havia fatores psíquicos ou sociais que podiam anular a culpa da masturbação; desde 1997 já não: o fiel deve, então, confessar seus não pecados, da época, que passaram a ser pecados?

Interpretações de “o brasileiro”

Em ISLE 20, <http://www.hottopos.com/isle20/31-38Jean.pdf>, “Jabutiçália: singularidades do Brasil”, estendemos a tipologia psicológica de David Keirse, aplicada pelo autor a indivíduos, para o tipo ideal “o brasileiro”, que na classificação de Keirse seria ESFP: otimista, impulsivo, lúdico (nas disfunções: imaturidade, irresponsabilidade etc.), criativo, generoso etc.; enfim, para o bem e para o mal, o “homem cordial”. Um exemplo:

Um caso emblemático desse fator F [approach pessoal] do brasileiro é uma das mais surpreendentes e encantadoras singularidades nossas: o Brasil é o único país do mundo que mudou a palavra “lepra”, carregada de estigmas, para “hanseníase”. Há na linguagem até um depreciativo moral associado à lepra, “lazarento”, significando entre idiota e sacana: “Quem foi o lazarento que postou a mensagem contando o final do filme?”.

O Brasil é o único país do mundo que fez a mudança de nome de lepra para hanseníase, em 1976. A medida veio com o objetivo de diminuir o estigma milenar associado à doença. Em sua experiência no consultório, a dermatologista e professora da Faculdade de Medicina da UFRJ Maria Leide de Oliveira ressalta que muitas pessoas enxergam a doença como uma praga divina - a lepra é a doença mais citada na Bíblia. (Câmara Notícias, 2012 <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/SAUDE/419449-BRASIL-E-O-UNICO-PAIS-DO-MUNDO-A-USAR-O-NOME-HANSENIASE.html>)

É a mesma sensibilidade, o mesmo cuidado para com a pessoa que levou a linguagem brasileira a alterar para AIDS a sigla de outra estigmatizadora doença: a Síndrome da ImunoDeficiência Adquirida (“SIDA”), para evitar o constrangimento de inúmeras brasileiras de apelido Cida...

Nessa mesma linha está o artigo “A expressividade do brasileiro”, publicado em RIH 28, <http://www.hottopos.com/rih28/05-30JeanFlb.pdf>.

As instituições. O neutro, a neutralidade do neutro, faz parte de nossa cultura, está arraigadíssima no Brasil: o que, em outros países dá-se como afirmação (ou negação) veemente, aqui perde os contornos nítidos, adquire forma genérica! Se não reparamos nesse fato é porque ele nos é tão evidente que chega a ser conatural e atinge até nossas instituições. Pensemos, por exemplo, nessa - incrível, para os estrangeiros! - instituição tupiniquim: o ponto facultativo. Como dizia o saudoso humorista Stanislaw Ponte Preta: “vai explicar pro inglês o que é um ponto facultativo?” - É feriado?- Não, Mr. Brown, é ponto facultativo!!- Então, se não é feriado, haverá trabalho normal?- Não, Mr. Brown, claro que não haverá trabalho: é ponto facultativo!! Não é feriado, mas não deixa de ser... É neutro!

Estudos árabes: metáforas, metáteses e virtudes

Em ISLE 16 e 17, respectivamente, publiquei os artigos: “Metáteses árabes da metáfora: desvelar/velar” (<http://www.hottopos.com/isle16/25-30Jean.pdf>) e “Em direção ao máximo e além: Milton Nascimento e as tradições ocidental e árabe da virtude” (<http://www.hottopos.com/isle17/49-54Jean.pdf>).

O primeiro estudo parte do curiosíssimo fenômeno semântico da metátese, frequente nas línguas semitas:

Um dos mais intrigantes fatos semânticos da língua árabe é a metátese, transposição de fonemas dentro de uma palavra, frequentemente com relação de sentido entre as formas metatéticas. Em nossa língua, se tomamos, por exemplo, a palavra “porta”, podemos encontrar metáteses como: trapo, rapto, parto ou tropa. Mas não há nenhuma relação de sentido entre elas e se houver (como alguém poderia alegar entre “parto” e “porta”) costuma ser meramente casual. Exceto em alguns poucos casos que remetem à mesma etimologia, como terno / tenro ou a engasgos e tropeços de pronúncia como estrupar / estuprar, depredar / depedrar. Podem surpreender pela conexão de sentido (mas são casuais...) metáteses como: desnorteia/ desorienta; podre / poder ou senador/desonra. No caso da língua árabe, como se sabe, o que conta é o radical tri-consonantal, que é o núcleo semântico das palavras (as vogais, que frequentemente nem são grafadas, fazem a determinação periférica do sentido). Se aplicássemos essa leitura “árabe” a nossas palavras, “obsoleto” seria aparentado com “basalto” e “Datena” imediatamente associado a “detona”. E considerando, por exemplo, em “carta” somente as consoantes, c-r-t, teríamos no mesmo campo de significados: carta, careta, certo, corta, curto, acerto, Creta, Crato etc. e

ampliar-se-ia muito o número de metáteses: troca, treco, torce, recato, retaco, cáтары etc. Mas essas metáteses continuariam independentes e quando houvesse alguma relação de sentido (como, digamos jocosamente, em pastel / paulista) seria casual.

Na língua árabe, entre outras incríveis metáteses, está a de *mathal* (metáfora, parábola), que comporta as correlatas: *thalama* e *lathama*, que apontam para duas funções (aparentemente contraditórias da metáfora): mostrar e esconder!!

Já o artigo “Em direção ao máximo e além: Milton Nascimento e as tradições ocidental e árabe da virtude”, em ISLE 17 <http://www.hottopos.com/isle17/49-54Jean.pdf>, discute o fato de que na tradição ocidental, a virtude tem sido sempre considerada a plenitude do ser humano, como resume Tomás de Aquino: *ultimum potentiae*, ou, em linguagem de hoje, o máximo do que se pode ser. Curiosamente essa mesma concepção ocorre em outras culturas, como a Tupi. Milton Nascimento compôs uma canção que expressa o próprio cerne da antropologia tupi. A língua árabe dá um passo além: a virtude excede!

Estudos medievais

Para representar meus artigos sobre Idade Média (especialmente sobre Tomás de Aquino), está “O professor e a docência em Tomás de Aquino”, em *Notandum* 33, <http://www.hottopos.com/notand33/05-12Jean.pdf>. Nele apresento a conexão entre a antropologia de Tomás e sua pedagogia: Pedagogia da admiração e Pedagogia do Concreto. Uma amostra:

Portanto, o mestre pode contribuir para a aprendizagem do discípulo, propondo-lhe alguns auxílios para a inteligência, como: proposições menos universais (*cum proponit ei aliquas propositiones minus universales*), exemplos sensíveis (*sensibilia exempla*) ou comparações (*similia*) que conduzam o intelecto do educando ao conhecimento das verdades desconhecidas. Para Tomás, o próprio Deus (que, pelo Seu conhecimento, criou o homem) assume essa pedagogia. Ao discutir a legitimidade do uso de metáforas e parábolas na Sagrada Escritura, Tomás afirma a conveniência do ensino por comparações (*sub similitudine corporalium*)², pois o ensino por comparações sensíveis é o mais adequado à natureza do homem, espírito intrinsecamente unido à matéria (*conveniens est... spiritualia sub similitudine corporalium tradere*). “É conatural ao homem atingir o inteligível pelo sensível, pois todo conhecimento tem, para nós, origem no sensível”. E na parte mais nobre do artigo, o *sed contra*, Tomás lembra que Deus diz da revelação de Si mesmo: “Pelos profetas proponho símiles”.

Recebido para publicação em 06-01-17; aceito em 09-02-17

². I, 1, 9.